

OS CURRAIS DE PALMAS EM SANTA VITÓRIA DO PALMAR, RS, BRASIL

OSVALDO ANDRÉ OLIVEIRA^{*}
CLAUDIA ADRIANA R. TEIXEIRA^{**}

RESUMO

Durante as pesquisas do projeto “Levantamentos arqueológicos nos municípios de Santa Vitória do Palmar e Chuí, RS, Brasil”, foram identificados conjuntos de palmeira (*Butia capitata*) apresentando estrangulamentos e orifícios nos caules, e formando círculos ou quadrados. Os conjuntos identificados foram catalogados, mensurados, fotografados e registrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, tornando-se patrimônio cultural do município de Santa Vitória do Palmar. A interpretação das feições e a disposição dos conjuntos indicam que tinham função de encerra de animais e foram utilizadas pelos primeiros colonizadores e criadores da região.

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia histórica, currais de Palmas, Campos Neutrais

INTRODUÇÃO

No transcurso de um levantamento com o objetivo de localizar sítios arqueológicos pré-coloniais no município de Santa Vitória do Palmar, observou-se um curral de palma (figura 1), que despertou interesse. Assim, foi aberta uma nova linha de pesquisa, que se voltou, inicialmente, para a compreensão da dispersão espacial desses currais na região.

^{*} Acadêmico do Curso de História – Licenciatura – FURG; bolsista do PIBIC/CNPq.

^{**} Acadêmica do Curso de História – Licenciatura – FURG; bolsista do Laboratório de Ensino e Pesquisa em Antropologia e Arqueologia – LEPAN.



Percebeu-se, então, que na região não havia outras espécies de árvores que propiciassem a construção de currais, e a palmeira apresentava naquele momento a solução mais eficaz, não havendo necessidade de corte para fazer moirões. Bastava transplantar as palmeiras, resultando em currais duráveis e sem o problema do apodrecimento da madeira. Assim, consideramos importante buscar a sua funcionalidade, trabalhando com a hipótese sugerida pela tradição oral, de que constituíam locais estratégicos para as tropas que atravessavam os Campos Neutrais¹.

As vacarias do mar tinham passagem nessa região, na época do apresamento do gado pelos tropeiros. Vários autores escreveram sobre tropeirismo, mas pouco se sabe sobre os tipos de currais e as maneiras de trabalhar com os animais.

As áreas mais propícias para a criação de gado e cavalos são as várzeas, áreas baixas onde o solo retém umidade por mais tempo, fazendo com que as gramíneas se desenvolvam com facilidade, propiciando melhor alimentação para o gado.

¹ Os Campos Neutrais foram estabelecidos pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), constituindo uma área que não deveria ser povoada por Portugal ou Espanha, a fim de resguardar os conflitos de fronteira, situada entre os atuais municípios do Rio Grande, Santa Vitória do Palmar e Chuí.

HISTÓRICO DA REGIÃO

Em 1737, Silva Paes fundou o povoado do Rio Grande, considerado o ponto inicial da ocupação rio-grandense nos caminhos do Prata. Havia então um progresso considerável no processo de colonização brasileira. Aumentava cada vez mais a necessidade da integração econômica do extremo sul com o mercado nacional. Esse novo quadro gerou inúmeros conflitos entre súditos dos reis de Portugal e Espanha, provocando imediata reação do governo do primeiro.

Uma das medidas foi a implementação do “pastoreio”. Logo, o gado oriundo das Missões passou a multiplicar-se nas vastas regiões do Pampa. A grande planície de vegetação rasteira mais meridional da América portuguesa foi ocupada por tropeiros, principalmente na orla da Lagoa Mirim e proximidades do Taim.

Ficava evidente a concretização de um avanço luso, capaz de viabilizar a integração definitiva dessa região.

Sem caracterizar preocupação ou apoio que pudesse parecer como investida, o estancieiro Manoel Corrêa da Silva Mirapalmete lançou a idéia de fundar uma nova povoação nas proximidades do Taim.

Em 1849, o Marechal Andréa recebe a tarefa de providenciar a escolha do local e a respectiva planta de execução. A área escolhida situava-se no distrito do Taim, em terras pertencentes à sesmaria de Antônio Carvalho Porto, que de pronto atendeu a proposta, destinando terras na coxilha do Palmar. Isso sepultou a pretensão da família Viana, que desejava que a povoação fosse situada próximo a seus interesses, na serra de São Miguel. As divergências provocam reações de setores que optaram pelo nome de Santa Vitória como compensação de uma vitória alcançada pelos que defendiam a localização na coxilha do Palmar. O termo de criação, entretanto, demonstra que o nome primitivo foi Andréa, enquanto Santa Vitória, o da Padroeira.

Nesse episódio, deve-se registrar que Santa Vitória era a santa de devoção da família Andréa, cuja esposa se chamava Germana Rita de Brito da Vitória, e o filho, José da Vitória, motivo que teria preponderado na escolha do local.

Em 19 de dezembro de 1855, no distrito do Taim, o local chamado Coxilha do Palmar consta em ata lavrada pelo escrivão Norberto de Souza Leite e assinada por Manuel Corrêa Mirapalmete, Jacinto Dias de Oliveira, Antônio Rodrigues Corrêa, Antonio Thomaz Corrêa Vianna, Manoel José Pereira, Bernardo Rodrigues Corrêa, José Florêncio do Amaral, Martinho Corrêa de Mirapalmete, Manoel Jacinto Dias e Joaquim Gomes Campos.

A seis de dezembro de 1858 foi sancionada a lei nº 417, elevando a povoação à categoria de freguesia; em 1872, sob a lei nº 808, a povoação de Santa Vitória do Palmar de Lemos passou à categoria de vila, e finalmente, em 1874, com os limites demarcados sob a lei nº 1736, de 24 de dezembro de 1888, foi elevada à categoria de cidade.

LOCALIZAÇÃO

Atualmente as concentrações expressivas de palmeiras estão: ao norte, nas proximidades dos arroios Marmeleiro e Del Rey (localidade do Cordão) e na costa da Lagoa Mangueira, próximo ao banhado do Taim; ao sul, próximo à área urbana de Santa Vitória do Palmar, essas árvores começam a se tornar mais raras; a oeste, margeando a Lagoa Mangueira, ainda sobrevivem em áreas isoladas, e a leste, ao longo da Lagoa Mirim, até as proximidades da localidade dos Provedores, é onde hoje podemos observar ainda uma concentração expressiva de palmeiras.

Foram verificados quatorze currais (veja tabela abaixo). Sete apresentam forma circular, com área variando entre 1.380 m² e 3.110 m². Sete têm forma quadrada, com área entre 625 m² e 1.000 m². Seis estão isolados e oito formam conjuntos de até quatro unidades.(figura 2).



TABELA DE DESCRIÇÃO DOS CURRAIS

Reg. IPHAN	Nome	Localidade	Latitude	Longitude	Formato
RS: LS 109	Waldir Silveira	Canelões	0286124 S	6291220 W	Quadrado
RS: LS 110	Vitor Barbosa	Curral Grande	0304821 S	6301611 W	Círculo
RS: LS 111	Osmarino de Marco	Cerro Lindo	0279067 S	6305905 W	Quadrado
RS: LS 112	Nilza Pereira Oliveira	Boqueirão	0284893 S	6297697 W	Quadrado
RS: LS 113	Jorge Figueiredo	Curral de Arroios	0276687 S	6305905 W	Círculo
RS: LS 114	João Corrêa da Silva	Boqueirão	0284094 S	6296812 W	Círculo
RS: LS 115	Gumersindo Saraiva 1	Curral de Arroios	0276981 S	6304620 W	Círculo
RS: LS 116	Gumersindo Saraiva	Curral de Arroios	0276947 S	6304961 W	Quadrado
RS: LS 117	Curral de Arroios	Curral de Arroios	0276631 S	6305869 W	Círculo
RS: LS 118	Cerro Lindo	Cerro Lindo	0278327 S	6300386 W	Círculo
RS: LS 119	Adelaide Amaral	Duas Palmas	0287061 S	6303310 W	Quadrado
RS: LS 120	Canelões	Canelões	0296063 S	6307771 W	Quadrado
RS: LS 121	Antonio Ludwig	Canelões	0296169 S	6307468 W	Círculo
RS: LS 122	Carlos Alcy Cardoso	Duas Palmas	0287145 S	6303152 W	Quadrado

FUNCIONALIDADE E CONSTRUÇÃO

O Sr. João Corrêa da Silva, 91 anos, natural de Santa Vitória do Palmar, que possui em sua propriedade um curral de palma, informou-nos: "... nunca cheguei a ver os tropeiros usá-los, mas meu pai contava que na época do meu avô costumavam chegar grandes tropas do lado da Mangueira, e aqui colocavam os animais durante a noite, e pelo dia ficava um indivíduo pastoreando os animais para não se afastarem muito..." Não se sabe se esses tropeiros eram índios, brancos ou negros. O nosso informante observou, ainda, que os currais eram mais fechados, ou seja, continham mais palmeiras em sua circunferência, e, com a chegada da agricultura, sua integridade foi atingida.

A provável técnica de construção dos currais foi a utilização das palmeiras já existentes na área, que foram transplantadas completando a forma desejada. Não se sabe exatamente o número de árvores naquele tempo, mas o palmar era muito extenso e havia muitas concentrações. Portanto, certamente eram retiradas as árvores centrais de um suposto círculo ou quadrado.

Quanto à funcionalidade e ao tipo de animal para cuja encerra os currais eram utilizados, se vacum, equino ou outra espécie, ainda existem dúvidas. Conforme especialistas, a palma tem crescimento apical e o afinamento do caule é ocasionado pelo enfraquecimento da planta no transplante. No entanto, os pesquisadores identificam, por sinais de estrangulamento encontrados nas árvores, entre 1,50 e 1,70 metros de altura, que foram transplantadas quando tinham esse tamanho, pelo fato de ser o crescimento apical (figura 3). Há outras, em

número menor, que não apresentam sinais, por isso supõe-se que já estavam no local ao momento da construção.

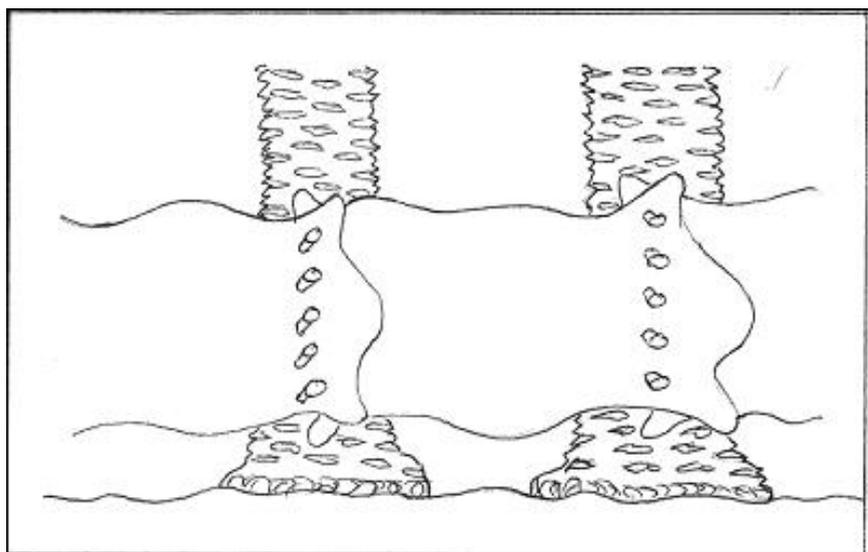


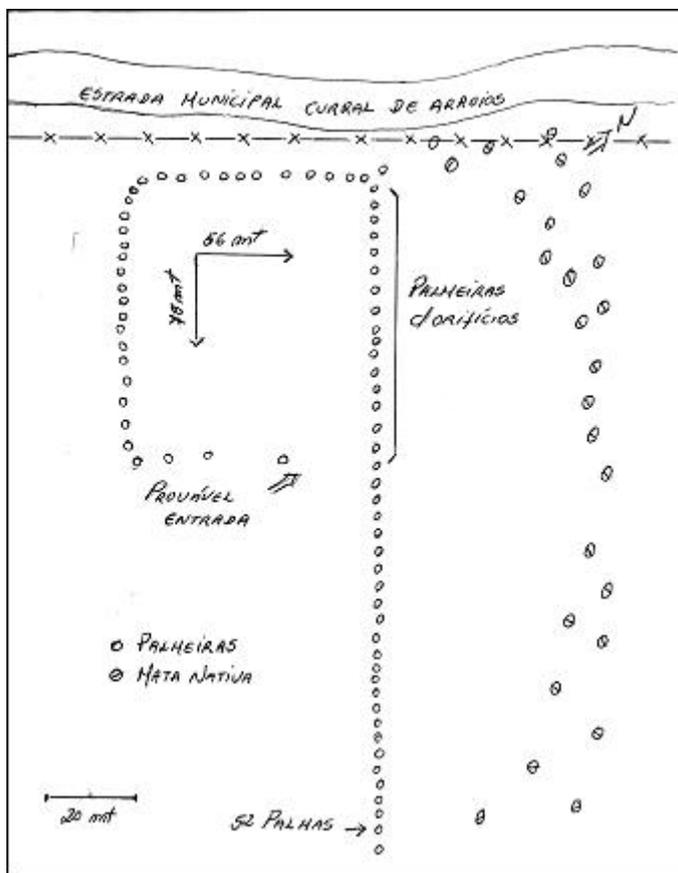
Em outra hipótese quanto ao estrangulamento, observa-se que há alguns sinais em determinadas árvores que estão menos prolongados e mais profundos no caule, concluindo-se que nesse momento foram utilizadas amarras de couro, de modo que as marcas surgiriam durante certo tempo de uso (figura 4).



Em um dos currais existentes na propriedade do Sr. Jorge Figueiredo, a estância Curral de Arroios², as palmeiras apresentam orifícios (figura 5 e 6). Esses orifícios foram interpretados como pontos de fixação de couros de animais, com a utilização de cravos de madeira ou para fechar os espaços entre uma árvore e outra. Nesse caso, ainda não obtemos informações de que posteriormente tivesse sido utilizada madeira beneficiada (tábuas), fixada por pregos. Também há a hipótese de que, sendo local de entrada dos animais, haveria necessidade de uma porteira móvel, mas os sinais se encontram na lateral de contenção para a entrada dos animais no curral (figura 7). Não foi possível definir os locais de entrada dos animais nos currais, com exceção do RS 115 e RS 116, que estão com abertura para dentro da mata nativa. Nos demais não é possível, por falta de algumas árvores em seu entorno.

² A estância pertenceu a Gumersindo Saraiva, caudilho gaúcho e chefe militar federalista, que participou da Revolução Federalista de 1893. Nascido em território gaúcho, Gumersindo fez parte do Partido Nacionalista do Uruguai, conhecido como Partido "Blanco". Devido a perseguições políticas, voltou ao Rio Grande do Sul, onde se tornou autoridade no combate à criminalidade que assolava os Campos Neutrais (DORNELLES, 1988).





Consideramos, assim, a necessidade de uma análise mais profunda que leve em consideração as alterações no relevo e no entorno dos currais, o crescimento das palmas e as ações antrópicas. Existe atividade constante de plantio, que ocasiona modificações no relevo natural.

FATORES DE DESTRUIÇÃO

As palmeiras vêm sofrendo a agressão da agricultura há pelo menos quarenta anos. A aplicação de agrotóxicos, inicialmente manual, e hoje através da aviação, atinge largamente o palmar. O plantio do arroz, atividade econômica principal do município, exige o preparo da

terra com pequenos diques, denominados *marachas*, que retêm a água retirada das lagoas entre quatro a cinco meses por ano. As raízes das palmeiras sofrem com o longo tempo de submersão (figura 8). No final do verão, as águas são liberadas novamente pelos canais, retornando às lagoas e banhados. Assim, livre da água, a palmeira recebe o sol. Estes eventos resultam no paulatino apodrecimento, levando à morte da árvore.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, ainda em andamento, deverá contribuir para melhor compreender-se a história dos primeiros tropeiros na região. É possível que os conquistadores tivessem tido ajuda dos índios Minuanos e Charruas que ocupavam essa área. Será que estes currais não foram transplantados por eles?

A existência de supostos sinais de amarras, alguns em altura superior à dos animais que deveriam ser confinados ali, deixou dúvidas no primeiro levantamento de campo, e observações poderão surgir. Os pesquisadores participaram, também, de análises comparativas na cidade de Castillos, no Departamento de Rocha, Uruguai, onde,

segundo o Sr. Néstor Rocha, os currais ultrapassam trinta unidades.

Os currais de palmas no município de Santa Vitória do Palmar, merecem ser notados para além de um fato da construção humana, de um artefato, mas também como algo que a natureza proporcionou ao homem e que ele soube utilizar em seu benefício, com um mínimo de agressão ao ambiente natural. A tecnologia de “desenvolvimento” econômico atualmente utilizada tem sido a maior causa de destruição não só dos currais, mas de outros sítios arqueológicos e do meio ambiente.

Talvez esta pesquisa possa contribuir para, no debate no seio da arqueologia, incluir-se a importância da preservação ambiental para a sobrevivência humana, e que se possa, pelo menos, valorizar o esforço dos nossos antepassados que deixaram esses vestígios, um legado a fazer parte de nossa história.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho só foi possível devido à colaboração de várias pessoas, ligadas ou não diretamente às instituições de pesquisa, as quais gostaria de citar:

Oswaldo Oliveira (meu pai); Sr. João Corrêa da Silva e esposa, Eng^o Carlos Alcy Cardoso, Prof. Dr. Carlos Roney Armanini Tagliani; Prof. Dr. Luiz Henrique Torres, Prof^a Dra. Beatriz Valladão Thiesen; Sr. Néstor Rocha e esposa; Sr. Jorge Figueiredo e Sr. Mauro; Prof. Jamil Corrêa Pereira; Ac. Eduardo Costa Ribeiro; Dr. Sílvio de Oliveira Marchiori; Marlon Borges Pestana e a Comissão de Curso de História da FURG.

REFERÊNCIAS

ALONSO, J. A. S. et. al. *Crescimento econômico da Região Sul do Rio Grande do Sul: causas e perspectivas*. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser, 1994.

AMARAL, A. F. *Os Campos Neutrais*. Porto Alegre, 1973.

AZAMBUJA, P. *História das terras e mares do Chuí*. Caxias do Sul, 1998.

_____. *Thaim, a última divisa: geografia e história de uma região*. 2001.

BASILE BECKER, I. I. El índio y la colonización: Charrúas y Minuanos. *Pesquisas - Antropologia*. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/UNISINOS, n. 37, 1982.

BERNARDES, N. *Bases geográficas do povoamento do estado do Rio Grande do Sul*. Ijuí: Unijuí, 1997.

BLOCH, M. *La historia rural francesa: caracteres originales*. Barcelona, 1978.

CARDOSO, F. H. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 83-123.

CESAR, G. *O contrabando no sul do Brasil*. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul; Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1978.

COPÉ, S. M. A ocupação pré-colonial do sul e sudeste do Rio Grande do Sul. In: KERN, A. A. (org.) *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 191-219.

COSTA, E. B. F. *Assentamento dos grupos Tupiguarani e Vieira no nordeste do Rio Grande do Sul*. Santa Vitória do Palmar, Rio Grande e Camaquã. São Leopoldo, 1997. Dissertação [Mestrado] – UNISINOS.

DIAS, A. S. *Representando a tradição Umbu a partir de um estudo de caso*. Porto Alegre, 1994. Dissertação [Mestrado] – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

DIAS, A. S.; HOELTZ, S. E. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do CEPA*, Santa Cruz do Sul, UNISC, CEPA, v. 21, n. 25, p. 21-62, 1997.

DORNELLES, S. *Gumersindo Saraiva, o guerrilheiro pampeano*. Caxias do Sul: EDUCS, 1998.

GIRELLE, M. *Prospecções arqueológicas nos cerritos de Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: FAPERGS, [s.d.]. Relatório final de bolsa de recém-mestre.

GUTFREIND, I.; REICHEL, H. J. Subsídios históricos para a formação da região platina. In: _____ (org.). *As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996. p. 62-74 e 78-80.

KERN, A. A. (org). *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. *Antecedentes Indígenas*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

KOTECK, L. M. *Conhecendo o Rio Grande do Sul*: Estudos Sociais. São Paulo: Ática, 1998.

KRAMER, E. V. *Terra gaúcha*: Estudos Sociais. São Paulo: FTD, 1993.

LAMING-EMPERAIRE, A. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. *Manuais de Arqueologia*, Curitiba, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Universidade Federal do Paraná, n. 2, p. 155, 1967.

LAZZAROTTO, D. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina, 1986.

MARCHIORI, J. N. C. *Fitogeografia do Rio Grande do Sul*: campos sulinos. Porto Alegre: EST, 2004.

MEGGERS, B. *A América pré-histórica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MELLO, T. F. de. *O município de Santa Vitória do Palmar*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

MENTZ RIBEIRO, P. A. *Metodologia da pesquisa arqueológica*. Rio Grande: FURG, 2004. p. 7-44. Col. Pensar a História Sul-Rio-Grandense, 26.

NAUE, G. Dados sobre o estudo dos cerritos na área meridional da Lagoa dos Patos, Rio Grande, RS. *Veritas*, n. 71-73. Porto Alegre: PUCRS, 1973. Separata

OLIVEIRA, O. A.; TEIXEIRA, C. A. R. Cural de palmas nos Campos Neutrais. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA: Arqueologia, Patrimônio e Turismo, 13. *Anais...* Campo Grande, 2005.

PESEZ, J. M. História da cultura material. In: LE GOFF, Jacques. *História nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PROUS, A. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Universidade de Brasília, 1991.

SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SALVINI, R. O. *Pindurama sulina*. Rio Grande: Typ. Esc. Prof. Lyceu Salesiano Leão XIII, 1936.

SCHMITZ, P. I. *Pesquisas arqueológicas em Santa Vitória do Palmar, RS*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. Documento, 7.

SOLER, R. C.; DÖRRIES, C. *Atlas de prehistoria: referente a La Republica Oriental del Uruguay*, Biblioteca F.V., 1975.

VILLWOCK, J. A.; TOMAZZELLI, L. J. Geologia costeira do Rio Grande do Sul. *Notas Técnicas*. Porto Alegre: CEGO/IG/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 8, p. 1-45, 1995.